

## A PERMANÊNCIA E OS IMPACTOS DO RACISMO ESTRUTURAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Acilina Maria Barros Coelho<sup>1</sup>  
Josielma de Sousa Silva<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo tem o intuito de abordar e analisar questões sobre o racismo como uma estrutural presente constantemente no cotidiano da vida escolar de alunos e professores da educação infantil. O referencial teórico utilizado nesta pesquisa, foi feito através de estudos e pesquisa em artigos, livros e sites, sobre a temática do racismo estrutural em sala de aula. Os resultados e discussões falam sobre a necessidade dos educadores abordarem com seus alunos sobre a questão do racismo estrutural permanecer e passar despercebido no meio de comunicação e de atitudes recorrentes na rotina da sociedade. Concluo que há uma urgência na educação infantil com seu respectivo corpo docente de discutir essa temática em sala de aula.

**Palavras-chave:** : Racismo estrutural, Educação infantil, Racismo na escola.

### INTRODUÇÃO

Observando o cenário atual dos movimentos contra o preconceito racial, que está sendo discutido ao longo dos anos, é possível notar que as leis criadas, as iniciativas de diálogos sobre a questão do racismo na sociedade, tem obtido bons resultados, apesar da insistência dessas atitudes em permanecerem no dia a dia da população. Para começar a pesquisar sobre esse determinado tema, surgiram problemas para que despertasse a curiosidade da pesquisadora, para conhecer sobre o racismo estrutural na educação infantil.

As questões que iremos discutir neste artigo, será tratada ao longo do texto, trazendo diálogos entres os autores que abordam esse mesmo contexto. Muito se discute sobre o preconceito racial, principalmente no século XXI, onde as mídias sociais e seus influenciadores estão cada vez mais presentes no cotidiano, de alunos, professores e

---

<sup>1</sup> Professora Orientadora: Especialista em Educação Especial, Tecnologias da Educação Para Professores, Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS), Mestranda em Educação, E-mail: acilinacoelho@professor.uema.br

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão Uema-Cesba, josielmadsilva@gmail.com.

país. As mídias sociais estão constantemente trazendo notícias e diálogos sobre como o preconceito racial insiste em permanecer na sociedade.

Porém quando se trata do racismo ser uma estrutura presente no cotidiano das pessoas, elas não compreendem que atos racistas não são somente atitudes e falas ditas explicita, em um contexto que todos notam e debate sobre o ocorrido, mas essa estrutura permanece implícita em inúmeras situações; e na educação infantil esse cenário desastroso aparece em pequenas atitudes, que às vezes não são notadas, mas que fazem diferença na vida de uma criança negra.

É possível observar que na educação infantil as crianças absorvem e aprendem sobre todo tipo de diálogos que possam surgir em casa ou na escola, por isso é importante que os professores e pais discutam com eles sobre essa temática, pois o ensino na educação infantil é a base de conhecimentos deles, também é um dos primeiros ambientes de aprendizagem em que possuem muitas possibilidades, que podem beneficiar ou não esses jovens aprendizes.

Os educadores como profissionais formados, têm o dever de instruir esse ser humano em construção, sobre seus direitos e deveres como cidadãos dessa sociedade, em que as oportunidades e o ensino surgem de todos os lados, podendo ser absorvido de forma boa ou ruim, vai depender de como está sendo construído o caráter moral dessas crianças.

Por isso é necessário haver pesquisador que dialogue e aborda essa temática, como meio de aprendizagem tanto para quem vai ler como para quem pesquisa, pois, este artigo tem o intuito de contribuir para que o leitor desperte um olhar crítico e reflexivo sobre o racismo estrutural na educação infantil.

A pesquisa procura resposta para questões como: Como abordar em sala de aula conversas sobre o racismo estrutural e por que essa estrutura permanece na sociedade atual, apesar das discussões constantemente sobre o tema

## **METODOLOGIA**

Córdova (2009, p.31) fala que a pesquisa é a atividade nuclear da Ciência. Ela possibilita uma aproximação e um entendimento da realidade a investigar. A pesquisa é um processo permanentemente inacabado. Processa-se por meio de aproximações sucessivas da realidade, fornecendo-nos subsídios para uma intervenção no real.

Essa pesquisa é básica, Córdova (2009, p.34) fala que essa pesquisa objetiva gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço da Ciência, sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais

A pesquisa apresentada é de cunho bibliográfico, pois foi pesquisa em artigos, livros, periódicos, monografias e sites já publicados, como de acordo com Fonseca, está tipo de pesquisa é:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

É também uma pesquisa qualitativa, pois Zanella (2013) fala que esse tipo de pesquisa:

Preocupa-se com a medição dos dados, o método qualitativo não emprega a teoria estatística para medir ou enumerar os fatos estudados. Preocupa-se em conhecer a realidade segundo a perspectiva dos sujeitos participantes da pesquisa, sem medir ou utilizar elementos estatísticos para análise dos dados. ZANELLA (2013, p.99)

O método utilizado é o indutivo, segundo Prodanov e Freitas (2013) o argumento passa do particular para o geral, uma vez que as generalizações derivam de observações de casos da realidade concreta.

A pesquisa tem como autores principais Silvio Almeida com o seu livro Racismo estrutural, e o artigo Educação Anti-Racista: caminhos abertos pela lei federal nº 10.639/03 da Eliane Cavalleiro.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

O racismo, cuja origem remonta o conceito de raça do século XV, é uma construção histórica, social e cultural, fruto de um longo processo ideológico que foi se arraigando aos poucos. De acordo com o Programa Nacional de Direitos Humanos: “Racismo é

uma ideologia que postula a existência de hierarquia entre os grupos humanos” (BRASIL, 1998a, p. 12).

Esse conceito sobre o racismo, serve para melhor discutir sobre o termo que está em discussão e observando o ponto de vista do autor acerca do tema proposto nessa pesquisa. Vai ressaltar que diferentes autores abordam e compreendem sobre a palavra racismo de outra maneira, o que enriquece essa discussão.

Santos, et al (2006,p,3.) Fala que no Brasil, nota-se que as raças se misturaram de tal forma que se tornou ingênuo falar em uma raça pura, de modo que se poderia pensar que o problema do preconceito racial está erradicado neste país. Porém é possível observar que ao contrário da afirmação desses autores o preconceito racial ainda ocorre. A autora ainda diz que cada vez menos as pessoas se confessam preconceituosas com relação aos negros – também outros grupos minoritários, como homossexuais – e a maioria delas tenta reboçar tal atitude, pois a desejabilidade social se impõe.

Demonstrando que o preconceito racial não acabou, mas ele está presente e enraizado na cultura e nas falas das pessoas, no entanto elas tentam esconder esse sentimento de ódio contra pessoas negras, mas elas repassam suas narrativas de maneira que talvez possa passar despercebidas, pois a pessoas veem aquelas atitudes como algo sem importância.

o autor do livro racismo estrutural Silvio almeida fala sobre sua visão acerca da temática, para ele o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meios de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual grupo racial pertence.

Então partindo da fala de Silvio, foi possível observar que as pessoas podem não se declarar racistas, mas que em alguns momentos estas pessoas podem manifestar práticas racistas conscientemente ou inconscientemente, mas que da mesma forma irá prejudicar uma pessoa negra.

Silvio aborda no seu livro Racismo estrutural que:

O racismo que se caracteriza como discriminação racial- é definido por seu caráter sistemático, não se trata, portanto, de apenas um ato discriminatório ou de um conjunto de atos, mas de um processo em que condições de subalternidade e de privilégios que se distribuem entre grupos raciais reproduzem nos âmbitos da política, da economia e da relação cotidiana. SILVIO ALMEIDA (2018, p,8,9.)

Vale lembrar que o racismo é crime, e que os racistas podem ser devidamente responsáveis pelas suas atitudes, é que a sociedade comece a se preocupar com estrutura que permanece nas ideias da população.

Abordando o racismo no contexto da educação infantil, é possível surgir perguntas sobre como as escolas lidam com essa questão? E refletir sobre esse tema beneficia e contribui para o enriquecimento pessoal, e a pensar em novas metodologias de ensino que amenizem a reprodução do racismo estrutural dentro do ambiente escolar. Cavalleiro (2000, p,12.) fala que o racismo e seus derivados no cotidiano e nos sistemas de ensino não podem ser subavaliados ou silenciados pelos quadros de professores(as). É imprescindível identificá-los e combatê-los. Por isso os professores precisam levar esse problema com seriedade, considerando que cada atitude sua pode influenciar no pensar e agir dessas crianças. Assim como é pungente que todos(as) os(as) educadores(as) digam não ao racismo e juntos promovam o respeito mútuo e a possibilidade de se falar sobre as diferenças humanas sem medo, sem receio, sem preconceito e, acima de tudo, sem discriminação. Cavalleiro (2000, p,12).

É obrigação da escola, discutir com seus alunos sobre a diversidade de pessoas, culturas, religião e sexualidade existente na sociedade, e que é necessário que haja respeito para que possam conviver com o meio social.

Sílvia Almeida (2018, p.17) fala que em uma sociedade em que o racismo está presente na vida cotidiana, as instituições que não tratarem de maneira ativa e com problema a desigualdade racial irá facilmente reproduzir as práticas raciais já ditas como “normais” em toda a sociedade.

Por isso há essa necessidade de se discutir sobre a questão do racismo estrutural que pode acontecer dentro de sala de aula, se a instituição não implementar uma educação antirracista, haverá uma maior transmissão de práticas racistas.

Junior aborda o contexto da relação da escola com as desigualdades sociais, e fala que:

Devido a tamanha disparidade de exigências, a escola aceita, assume e consolida as desigualdades existentes na sociedade, sejam elas de ordem social, cultural ou étnicoracial. Assumindo-se a idéia de que a escola é igual para todos, implicitamente se assume também que cada indivíduo chega onde sua capacidade e esforço pessoal lhe permitem, sendo ignorados os pontos cruciais de desigualdades impostos pela sociedade. JUNIOR(2008, p. 7)

É possível notar que apesar da dificuldade que a escola enfrenta em buscar novas metodologias ou até mesmo em aprimorar seus próprios métodos e projetos, ela ainda se esforça para que seus educandos reflitam e critiquem acerca dos problemas da sociedade, apesar de que ainda precisa haver melhoras.

Para que ocorra uma educação antirracista o professor precisa estar atento as convivências sociais de seus alunos, e principalmente em seus comportamentos, para que quando ocorra uma situação que a escola precise lidar com o racismo, a solução possa ser trabalhada rapidamente, para que não possa surgir mais problemas.

É de extrema importância que a escola também esteja preparada para lidar com a reprodução do racismo estrutural em sala de aula, e para que isso ocorra os professores podem introduzir em suas aulas tema sobre o racismo e discuta com os alunos, para que haja uma maior transmissão e consolidação dos conteúdos trabalhados.

Almeida (2018) fala no seu texto que o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, de modo normal, com que se constrói as relações, o racismo estrutural é exibido no comportamento dos indivíduos, derivados de uma sociedade em que o racismo é regra e não uma exceção. Porém pensar sobre isso não quer dizer que o racismo estrutural não tem como amenizar ou até mesmo acabar, muito pelo contrário, partindo dessa informação é preciso que se pense em maneiras de contornar essa situação, e por que não por meio da educação infantil.

De acordo com Santos (2001):

Tratar da discriminação racial em ambiente escolar não significa ajudar a criança negra a ser forte para suportar o racismo, como se apenas ela tivesse problema com sua identidade, com sua auto-estima. Faz-se necessário corromper a ordem dos currículos escolares, que insistem em apresentar a produção cultural eurocêntrica como único conhecimento científico válido. (SANTOS, 2001, p. 106)

Como foi abordado no trecho acima, o ambiente escolar necessita melhorar seu currículo escolar que não discutem com seus educandos sobre a cultura afro-brasileira, ou seja, os professores não ensinam sobre a própria cultura e realidade dos alunos, fazendo isso atitudes racistas sempre vão continuar acontecendo, pois essa minoria social precisa ter uma maior visibilidade.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Partindo da pesquisa apresentada, nota-se que o racismo estrutural insiste em permanecer na educação infantil, em comportamentos exibidos por professores e alunos no convívio diário da comunidade escolar.

Analisando que os educadores também podem exibir comportamentos racistas, e que a escola deve observar e trabalhar esta questão com todo seu corpo estudantil, visando que esta situação possa ser amenizada quando ela começar a ser discutida. De acordo com Munanga (2005):

Não precisamos ser profetas para compreender que o preconceito incutido na cabeça do professor e sua incapacidade de lidar profissionalmente com a diversidade, somando-se ao conteúdo preconceituoso dos livros e materiais didáticos e às relações preconceituosas entre alunos de diferentes ascendências étnico-raciais, sociais e outras, desestimulam o aluno negro e prejudicam seu aprendizado. O que explica o coeficiente de repetência e evasão escolar altamente elevado do alunado negro, comparativamente ao do alunado branco. (MUNANGA, 2005, p. 16)

A autora aborda esta questão dos professores de forma muito sabia, já que pode contribuir com uma forma de alerta a comunidade escolar do racismo estrutural que acontece em sala, e que em alguns momentos pode ser ensinado para seus educandos, continuando esse ciclo de reprodução de conteúdos que não valorizam a própria cultura e identidade do aluno.

Paulo Freire: “Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência de assumir-se” (FREIRE, 2006, p. 41). Ressaltando a importância da elaboração de um currículo e metodologia de ensino que possam proporcionar aos alunos e professores uma prática educativa para formar um cidadão crítico reflexivo, preparado para conviver em sociedade.

Com a discussão dessa pesquisa foi possível compreender como o racismo estrutural ainda permanece na comunidade escolar, sua forma de reprodução e a importância da escola elaborar projetos, metodologias e o currículo para introduzir conteúdos que proporcione a aprendizagem sobre essa o racismo, preconceito racial e a discriminação com as pessoas pela cor da sua pele.

Lembrando que já faz muito tempo que a humanidade discute sobre essas questões, e que elas não vão desaparecer rapidamente, se elas não forem vistas como uma situação problema que necessita urgentemente de reparos e melhorias principalmente na educação infantil.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em vista dos fatos mencionados nesse artigo, entende-se que o racismo estrutural está presente na sociedade, em que ele se encontra no cotidiano das pessoas, sendo repassado por meio de conversas, texto de ódio propagado na internet e até mesmo no ambiente escolar, que é o ponto principalmente da discussão desse texto.

Este artigo teve como o objetivo geral abordar sobre o racismo estrutural que ocorre em sala de aula, com um lugar de referência que é a educação infantil, observando que também é responsabilidade de pais e professores conversarem com os educandos sobre essa temática.

Dessa forma, esta pesquisa aponta como o racismo estrutural acontece na educação, discute com os autores mencionados no referencial teórico, para chamar a atenção dos professores e pais sobre esse problema que permanece nas convivências sociais dos alunos.

Por isso tudo, entende-se que o racismo estrutural precisa ser combatido e extinguido da comunidade escolar, contudo observar-se que para que isso aconteça a sociedade precisa percorrer um longo caminho, é para que isso aconteça, é preciso dar uma partida no rumo de amenizar essa realidade.

Portanto é imprescindível que todos se conscientizem e saibam que todos somos racistas, baseado em que o racismo é estrutural e que ele não irá acabar ou desaparecer rapidamente, que é um processo longo e de desconstrução diária, e para que as mudanças venham surgir temos que estar abertos a superar nossos traumas, medos e conflitos, visando que a educação infantil é a base dos estudos e dos conhecimentos dos educandos, por isso é necessário iniciar uma educação antirracista na base educacional.

## **REFERÊNCIAS**



BRASIL. Programa Nacional dos Direitos Humanos. Gênero e raça: todos pela igualdade de oportunidades: teoria e prática. Brasília: MTb-a/Assessoria Internacional, 1998a.

CAVALLEIRO, Eliane. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: \_\_. (Ed.). Racismo e anti-racismo na educação:repensando a escola. São Paulo: Selo Negro, 2001. p. 141-60.

Educação anti-racista : caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03 / Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 236 p. (Coleção Educação para todos).

Francisco Junior, Wilmo Ernesto Educação anti-racista: reflexões e contribuições possíveis do ensino de ciências e de alguns pensadores Ciência & Educação (Bauru), vol. 14, núm. 3, 2008, pp. 397-416 Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho São Paulo, Brasil.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia 33. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

Metodologia de pesquisa / Liane Carly Hermes Zanella. – 2. ed. reimp. – Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/ UFSC, 2013. 134 p.: il.

Métodos de pesquisa / [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira ; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico] : métodos etécnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

MUNANGA, K. Apresentação. In: \_\_. Superando o racismo na escola 2. ed. Brasília: MEC/SECAD, 2005. p. 15-20.

SANTOS, dos Silva Walberto, et al. ESCALA DE RACISMO MODERNO: ADAPTAÇÃO AO CONTEXTO BRASILEIRO. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 11, n. 3, p. 637-645, set./dez. 2006.